

TESTEMUNHOS DA TERRA

de Camila Proto e Anelise De Carli

A água leva e a água traz. Esta exposição nasce de um fenômeno fabulativo: e se, entre os desastres das enchentes de 2024, o Guaíba inesperadamente fizesse aparecer indícios soterrados da sua história?

Cerâmicas são artefatos comumente encontrados em sítios arqueológicos através do trabalho das escavações. Elas são materiais tradicionais dos modos de ser e viver dos povos ameríndios e personagens essenciais para o processo de demarcação de Terras Indígenas. Uma série de processos de datação baseados em alterações químicas ou acúmulo de radiação e incidências sonoras nas peças permitem a um fragmento de argila queimada contar histórias.

Aqui propomos imaginar aquilo que as áreas inundadas de Porto Alegre poderiam falar. Por consequência da saturação do solo, que ocorre quando um terreno está encharcado por muito tempo, vestígios materiais – tais como peças Mbyá-Guarani – poderiam vir à tona, tornando novamente visível um passado que resistia sob nossos pés. O encontro desses indícios ajudaria a comprovar a presença indígena na região e, assim, áreas inundadas poderiam, de certa forma, falar a favor dos povos em retomada, testemunhando a sua ocupação milenar.

A instalação propõe um diálogo entre o fantasioso e o factual, tensionando as fronteiras entre arte e ciência, campos que acabam delineando aquilo que tomamos como verdade ou mentira, pensável ou impensável. Este universo não é apenas uma homenagem, mas um trabalho de reparação: uma tentativa de recuperar o protagonismo dos modos de ser e viver Guarani e de resguardar suas práticas de cuidado com os seres-terra que conformam o território onde todos vivemos.

Herança viva que pulsa nas margens da cidade, o modo de vida Guarani é um dos vários soterrados pela verdadeira terraformação empreendida pela modernidade - materializada em Porto Alegre através dos contínuos processos de aterramento, expansão urbana e especulação imobiliária. Narrando a possibilidade dessas descobertas, convidamos o público a especular as consequências cosmopolíticas da possível “emergência” desses fragmentos e o que eles nos ajudariam a ver e ouvir com mais nitidez.